



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Patricia Braun

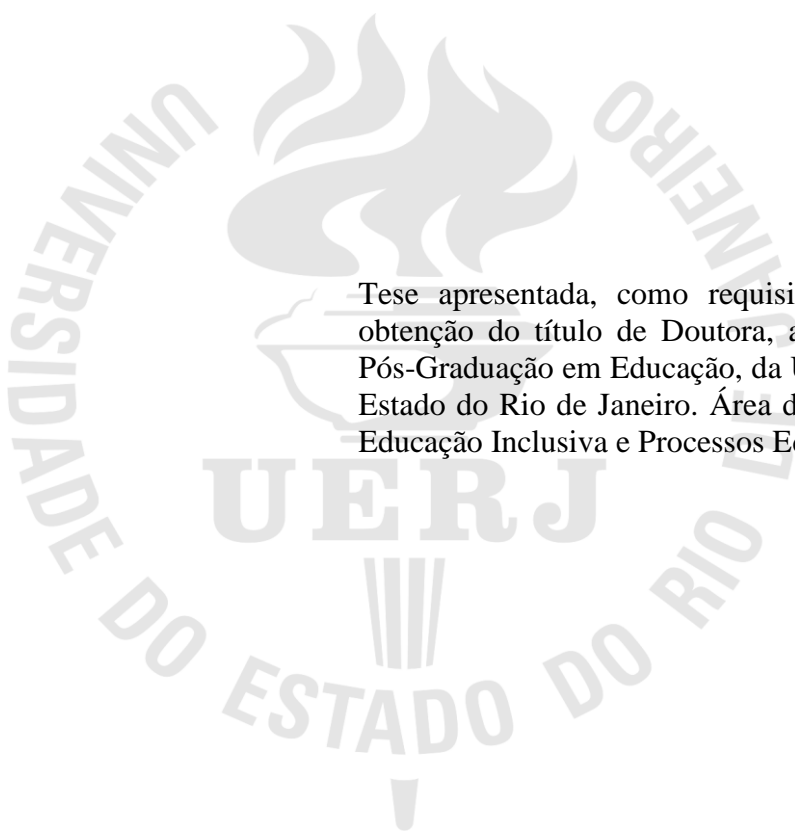
**Uma intervenção colaborativa sobre os processos de ensino e aprendizagem
do aluno com deficiência intelectual**

Rio de Janeiro

2012

Patrícia Braun

**Uma intervenção colaborativa sobre os processos de ensino e aprendizagem
do aluno com deficiência intelectual**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação Inclusiva e Processos Educacionais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Leila Regina d'Oliveira de Paula Nunes

Rio de Janeiro

2012

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

B825 Braun, Patricia.
 Uma intervenção colaborativa sobre os processos de ensino e aprendizagem
 do aluno com deficiência intelectual / Patricia Braun. – 2012.
 324 f.

 Orientadora: Leila Regina d'Oliveira de Paula Nunes.
 Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
 Faculdade de Educação.

 1. Deficientes mentais – Educação – Teses. 2. Educação especial– Teses.
 3. Inclusão Escolar – Teses. I. Nunes, Leila Regina d'Oliveira de Paula.
 II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. IV. Título.

es CDU 376.4

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese.

Assinatura

Data

Patrícia Braun

**Uma intervenção colaborativa sobre os processos de ensino e aprendizagem do aluno
com deficiência intelectual**

Tese apresentada, como requisito parcial para
obtenção do título de Doutor, ao Programa de
Pós-Graduação em Educação, da Universidade do
Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração:
Educação Inclusiva e Processos Educacionais.

Aprovada em 23 de novembro de 2012.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Leila Regina d'Oliveira de Paula Nunes (Orientadora)
Faculdade de Educação da UERJ

Prof^a. Dr^a. Rosana Glat
Faculdade de Educação da UERJ

Prof^a. Dr^a. Anna Augusta Sampaio de Oliveira
Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP

Prof^a. Dr^a. Maria Amélia Almeida
Centro de Educação e Ciências Humanas UFSCar

Prof^a. Dr^a. Enicéia Gonçalves Mendes
Centro de Educação e Ciências Humanas UFSCar

Rio de Janeiro

2012

DEDICATÓRIA

Este estudo é dedicado a todos os alunos que, em algum momento de sua trajetória escolar, tiveram seu ensino e aprendizagem tolhidos pela falta de recursos, investimentos e/ou conhecimentos capazes de impulsionar seu desenvolvimento. Aos professores que investem no trabalho pedagógico com o aluno que apresenta necessidades educacionais especiais, apesar das adversidades vividas na escola e na profissão docente. E, especialmente, aos alunos Alexei, Leonti e Ian que compartilharam conosco suas vidas escolares, contribuindo para que ampliássemos nossa compreensão e conhecimentos sobre as práticas pedagógicas e as diversas possibilidades de desenvolvimento do ser humano.

AGRADECIMENTOS

Todo trabalho exige de nós dedicação e, daqueles que direta ou indiretamente vivem o processo conosco, compreensão pelas horas de investimento que nos fazem escolher, por um tempo, o estudo e a pesquisa como prioritários. Nesta tese agradeço a todos que me apoiaram, ajudaram e me incentivaram durante esse percurso, pois foi a partir do olhar dessas pessoas que vislumbrei a possibilidade de chegar a este momento.

Às amigas e colegas “de causa”, Márcia Pletsch e Márcia Marin que dividiram comigo leituras e conhecimentos durante a pesquisa e minha formação. As estas duas grandes amigas e profissionais tenho muito a agradecer, pois ambas compartilharam comigo seus conhecimentos e reflexões em muitas conversas e trabalhos que contribuíram para as discussões aqui apresentadas. No meio acadêmico nem sempre é possível ter a possibilidade do coletivo, do partilhar. Com elas eu tive e tenho essa oportunidade.

Além dessas, merecem ser lembradas as colegas do PROPEd, com as quais convivi nos grupos de pesquisa. Agradeço à Kati, Bianca, Annie, Adriana, Cristina, Valéria, Mara, Suzanli, Carolina, Vera Lucia, Márcia Mirian, Patrícia Lorena, Alzira, Claudia Alexandra, Claudia Togashi, Danielle e Sonia pela parceria e amizade nesses anos de convívio. Do mesmo modo que agradeço pela amizade e carinho da Profª e colega, Cátia Walter.

Aos professores, professoras, funcionários, alunos e seus responsáveis da escola que viabilizaram a pesquisa em campo. Agradeço, imensamente, a esses profissionais, pais e alunos por tornarem possível o campo para a pesquisa, mas, sobretudo, por me receberem e me incluírem em seu cotidiano e em suas equipes como pesquisadora e professora. À Profª Marlucy, em especial, muito obrigada por suas contribuições e envolvimento com a pesquisa.

Aos professores e professoras do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, em especial ao Departamento de Ensino Fundamental, pelo incentivo e liberação de uma tarde para os estudos da pesquisa. À Profª Jonê Baião, por sua leitura dedicada e cuidadosa ao fazer e revisão da língua.

Agradeço às Profª Anna Augusta, Maria Amélia, Enicéia, Cristina, Profº Francisco e, em especial, à Profª Rosana Glat por aceitarem participar da banca, assim como por suas contribuições neste estudo. E, sou muito grata à Profª Leila Nunes, minha querida orientadora, por sua dedicação e confiança depositada no trabalho desenvolvido. Suas orientações foram essenciais para este percurso.

Aos amigos queridos Mário, Mara, Carmem, Mariana, Deise, Regina, Eduardo, Rose, Malvar, André Luiz, Joca. À grande família Exupéry que nesses 12 anos de Rio me acolheu. Saber que temos pessoas que nos querem bem é fundamental quando somos desafiados a seguir por novos caminhos. A todos, obrigada pelo carinho constante.

À Tia Helena e à Lucia Helena que nesses anos têm sido avó e mãe, respectivamente, para mim. O carinho e amor que me oferecem, incondicionalmente nesses últimos anos, são alento, conforto e força para mim.

Aos meus pais, Mauro e Vera, meus irmãos, Alice e Felipe, minha sobrinha Marina e ao meu cunhado Leonardo, agradeço pelo amor e carinho dados a mim. Todos, cada um do seu jeito, contribuem para minha formação como pessoa e profissional. Não tenho dúvida de que o melhor, de todos vocês, tem sido dado a mim nesses 43 anos de vida. Muito obrigada por isso!

E por fim, devo agradecer ainda a um amigo que hoje nos acompanha em outro plano, pois quando precisei, assim como os que me são mais caros, pais, irmãos, Lúcia, Tia Helena e Márcia, ele foi ouvidos para escutar, braços para acolher e olhos para enxergar por mim. Gê, obrigada por ter estado comigo quando foi preciso. Que Deus esteja contigo, como sei que está conosco.

Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais. Sou professor contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fartura. Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que me consome e imobiliza. Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuido do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo descuidado, corre o risco de se amofinar e já não ser testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa, mas não desiste.

Paulo Freire

RESUMO

BRAUN, Patrícia. **Uma intervenção colaborativa sobre os processos de ensino e aprendizagem do aluno com deficiência intelectual**. 2012. 324 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

As práticas pedagógicas e processo de ensino e aprendizagem do aluno com deficiência intelectual no ensino comum são o objeto de estudo desta tese. Esta teve por finalidade analisar as estratégias pedagógicas e os suportes educacionais oferecidos para alunos com deficiência intelectual, refletir e elaborar, de forma colaborativa com a equipe pedagógica, ações educativas para a organização do processo de ensino e aprendizagem desse aluno. Para responder à questão inicial do estudo, participamos sistematicamente como pesquisadora do cotidiano escolar do aluno em sala de aula e em outros contextos da rotina das professoras, como reuniões de planejamento, estudos de caso e conselhos de classe. As interfaces metodológicas qualitativas adotadas foram o estudo de caso etnográfico para a 1ª etapa e a pesquisa-ação colaborativa para a 2ª etapa. Na 1ª etapa, fomos a campo para conhecer os processos estabelecidos para a escolarização de três alunos com deficiência intelectual, em anos de escolaridade diferentes, e envolveu 15 profissionais do 1º segmento do ensino fundamental. A partir da análise de conteúdo dos registros do diário de campo, da observação participante, das entrevistas semiestruturadas e filmagens em sala de aula, organizamos as reflexões e análises sobre como é compreendida a deficiência intelectual, as relações que se estabelecem com a aprendizagem e as práticas pedagógicas que envolveram os três alunos. Na segunda etapa, fomos a campo para colaborar com seus atores a partir da proposta do ensino colaborativo, respaldadas pelo referencial histórico-cultural. As ações colaborativas junto às professoras de sala de aula e da sala de recursos multifuncionais (SRM) foram desenvolvidas tendo o aluno Ian como sujeito das reflexões e análises sobre o processo de ensino e aprendizagem. Como resultados do estudo observamos que a presença do aluno com deficiência intelectual na escola comum ainda é motivo de estranhamento. O formato da estrutura curricular indica o quanto é difícil garantir processos de ensino e aprendizagem para o aluno com deficiência intelectual. Apesar do perfil diferenciado na formação das professoras, dúvidas sobre como organizar o ensino para esse aluno eram comuns em seus relatos. A partir da colaboração estabelecida, na 2ª etapa do estudo, entre as professoras especialistas (da SRM e pesquisadora) e as professoras de sala de aula, observamos essas ampliarem a iniciativa na organização/adequação de atividades, em suas áreas de conhecimento específicas, considerando a participação e forma pela qual o aluno poderia adquirir o conhecimento trabalhado. Nesse contexto, percebemos a relevância da complementaridade entre estratégias pedagógicas para garantir o ensino, a participação e a aprendizagem do aluno, tanto em sala de aula quanto na SRM. As práticas favoreceram o aluno na medida em que as condições de ensino, para sua aprendizagem, passaram a ser conhecidas e consideradas. A mediação planejada, intencional e desafiadora, em todos os ambientes da escola, foi fundamental para que compreendêssemos como organizar o ensino para a aprendizagem de Ian. Sob essas condições observamos Ian demonstrar sua capacidade para elaborar conceitos cotidianos e complexos, em diferentes áreas do currículo escolar.

Palavras-chave: Deficiência intelectual. Intervenção colaborativa. Ensino e aprendizagem.

ABSTRACT

This doctoral dissertation aims at examining the pedagogical strategies and educational support offered to students with intellectual disabilities. It also reflects and elaborates, collaboratively with the teaching staff, proper educational activities for the organization of the teaching and learning process of these types of students. To answer the first question we systematically participated as researcher in the students' daily school routine in the classroom as well as in the teachers' routines such as planning meetings, case studies and class councils. Methodology involved the ethnographic case study for Stage 1 and collaborative action research for the 2nd stage. In the first stage we went to the field to understand the types of processes used for schooling the three students with intellectual disabilities in different school years. This involved 15 professionals from the 1st segment of elementary school. From the content analysis of the records in the field journal, and the participants' observation, in semi-structured interviews as well as classroom videotaping we were able to organize thoughts and analysis on intellectual disability and how it is understood. We also took a look at the relationships established with learning and the pedagogical practices involving the three students. In the second stage, we went to the field to collaborate with the participants starting with the education collaborative proposal, which is backed through historical and cultural references. The collaborative actions that the teachers have in the classroom as well as in the multifunctional resource room (SRM) were developed with a student named Ian who was the subject of reflections and insights on the process of teaching and learning. From the results of the study we observed that the presence of students with intellectual disabilities in regular schools is still a cause for estrangement. The format of the curriculum indicates how difficult it is to ensure teaching and learning processes for students with intellectual disabilities. Despite the differential profile in teacher training, questions about how to organize the teaching of that student were common in their accounts. With the collaboration established in the 2nd stage of the study, between the teachers in the classroom and specialists (the SRM and researcher) we observed that this expanded the initiative in the organization and activities in their specific areas of knowledge, considering participation and how the student could acquire this knowledge which was worked on. In this context, we realize the importance of complementarily teaching strategies to ensure teaching, participation, and student learning both in the classroom and in the SRM. These practices favor the student as teaching conditions for his learning came to be known and considered. The mediation which was planned purposefully and challenging for all of the school environments was a keystone for us to understand how to organize teaching for Ian's learning. Under these conditions we observed Ian demonstrating his ability to produce complex and everyday concepts in different areas of the school curriculum.

Keywords: Intellectual disability. Collaborative intervention. Teaching and learning

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 -	Linha do tempo com documentos legais entre 2001 e 2011 referentes a políticas públicas sobre educação inclusiva.....	50
Tabela 1 -	Evolução do número de matrículas entre 2001 e 2011, de alunos com necessidades educacionais especiais no sistema educacional brasileiro...	52
Gráfico 1 -	Evolução do número de matrículas entre 2001 e 2011, de alunos com necessidades educacionais especiais no sistema educacional brasileiro...	53
Gráfico 2 -	Número total de matrícula inicial em educação especial (alunos de escolas especiais, classes especiais e incluídos), no ano de 2010.....	55
Quadro 2 -	Caracterização dos alunos participantes, na 1ª etapa do estudo.....	153
Quadro 3 -	Caracterização das participantes primárias, na 1ª etapa do estudo.....	155
Quadro 4 -	Caracterização das participantes secundárias, na 1ª etapa do estudo.....	155
Quadro 5 -	Modelo da transcrição das cenas filmadas em sala de aula.....	163
Quadro 6 -	Categorias elencadas e suas definições.....	167
Gráfico 3 -	Análise dos episódios em sala de aula do aluno Ian no ano de 2010.....	180
Quadro 7 -	Episódios em sala de aula com o aluno Ian.....	181
Figura 1 -	Exemplos de atividades realizadas pelo aluno Ian dez/2010.....	191
Quadro 8 -	Dificuldades e tensões - caminhos e possibilidades.....	197
Quadro 9 -	Caracterização das professoras participantes primárias na 2ª etapa do estudo.....	201
Quadro 10 -	Caracterização das professoras participantes secundárias na 2ª etapa do estudo.....	202
Figura 2	Recurso para o ensino – maquete do mapa do Brasil.....	234
Figura 5 -	Desafio elaborado por Ian no caderno.....	239
Figura 3 -	Recurso para o ensino – sistema respiratório de massa de modelar.....	324
Figura 4 -	Recurso para o ensino – aparelho respiratório de pet e balões	324

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAIDD	American Association on Intellectual and Developmental Disabilities
AAMR	American Association for Mental Retardation
ANPEd	Associação Nacional de Pesquisa em Educação
AEE	Atendimento Educacional Especializado
CEB	Câmara de Educação Básica
CONADE	Conferência Nacional de Educação
CNE	Conselho Nacional de Educação
DI	Deficiência Intelectual
DPEE	Diretoria de Políticas de Educação Especial
FUNDEB	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério da Educação
ONGs	Organizações não governamentais
PAC	Plano de Aceleração de Crescimento
PDE	Plano de Desenvolvimento da Educação
PNE	Plano Nacional de Educação
PNEE-EI	Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva
SEESP	Secretaria de Educação Especial
SECAD	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade
SRM	Sala de Recursos Multifuncionais
ZDP	Zona de Desenvolvimento Proximal

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	21
1	O PERCURSO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA ENTRE 2001 – 2011: EM QUE DIREÇÃO VAMOS?	29
1.1	As políticas públicas nacionais em educação e a educação inclusiva: implicações dos documentos legais estabelecidos no período de 2001 a 2011.....	29
1.2	O que dizem as pesquisas sobre as políticas públicas do cenário nacional, para a educação inclusiva?	51
2	FORMAÇÃO DE PROFESSORES E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: CONCEPÇÕES DIANTE DA ORGANIZAÇÃO DE UMA NOVA CULTURA ESCOLAR.....	68
2.1	A formação de professores face às políticas públicas de educação inclusiva no cenário brasileiro.....	68
2.2	Concepções no contexto da educação inclusiva: apreender sentidos para fazer uma escola com sentido.....	81
3	APRENDIZAGEM, DESENVOLVIMENTO E DEFICIÊNCIA INTELECTUAL.....	95
3.1	Aprendizagem e desenvolvimento na perspectiva vigotskiana.....	95
3.2	Aportes conceituais – a definição de deficiência intelectual e o sistema de apoios proposto pela AAMR/AAIDD.....	112
3.3	A escola e o processo de ensino e aprendizagem para o aluno com deficiência intelectual: pesquisas atuais.....	121
4	AS ABORDAGENS METODOLÓGICAS.....	135
4.1	A abordagem de pesquisa qualitativa.....	135
4.2	O estudo de caso do tipo etnográfico: para “ir a campo” conhecer as demandas.....	137
4.3	A pesquisa-ação colaborativa: “para colaborar com o campo”....	144
5	A PESQUISA NA ESCOLA - 1ª ETAPA: A ESCOLA, SEU CONTEXTO E AS INTERLOCUÇÕES SOBRE O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	151

5.1	O cenário da pesquisa.....	151
5.2	Participantes da pesquisa na 1ª etapa.....	153
5.3	Procedimentos e instrumentos de pesquisa na 1ª etapa.....	157
5.3.1	<u>Fase exploratória.....</u>	158
5.3.2	<u>Fase de delimitação do estudo e de coleta dos dados</u>	159
5.3.2.1	Análise de documentos.....	159
5.3.2.2	Observação Participante.....	160
5.3.2.3	O registro em diário de campo.....	162
5.3.2.4	As entrevistas semiestruturadas.....	163
5.3.2.5	Filmagem de cenas do cotidiano na sala de aula.....	164
5.3.3	<u>Fase da análise dos dados.....</u>	167
5.4	Discussão dos dados da 1ª etapa: conhecendo o contexto escolar, seus contornos e percepções.....	169
5.4.1	<u>Deficiência intelectual e aprendizagem a partir dos dados revelados na escola.....</u>	170
5.4.2	<u>As práticas pedagógicas para o aluno com deficiência intelectual e a escola comum.....</u>	176
6	A PESQUISA NA ESCOLA - 2ª ETAPA: PRÁTICAS EDUCACIONAIS COLABORATIVAS, O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL.....	201
6.1	Participantes da pesquisa na 2ª etapa.....	201
6.2	Procedimentos e instrumentos da pesquisa na 2ª etapa.....	203
6.2.1	<u>A estratégia do ensino colaborativo.....</u>	205
6.3	Discussão dos dados da 2ª etapa: ir ao campo para colaborar com o contexto investigado e seus sujeitos.....	210
6.3.1	<u>O ensino colaborativo como estratégia de formação e de aprendizagem para quem ensina e para quem aprende.....</u>	210
6.3.2	<u>A formação de conceitos em alunos com deficiência intelectual: o caso de Ian.....</u>	224
6.3.2.1	Episódio 1: dicas sobre o meio ambiente.....	228
6.3.2.2	Episódio 2: litoral e fronteira, onde ficam?	234
6.3.2.3	Episódio 3: desafio com multiplicação.....	239

6.3.2.4	Episodio 4: expulsão em jogo, bom ou ruim?	246
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	251
	REFERÊNCIAS	264
APÊNDICE A	Termo de consentimento livre e esclarecido (alunos)	291
APÊNDICE B	Termo de consentimento livre e esclarecido (professores).....	293
APÊNDICE C	Modelo dos registros no Diário de Campo.....	295
APÊNDICE D	Roteiro da entrevista com gestores ou cargos administrativos na escola.....	300
APÊNDICE E	Roteiro da entrevista com professores de classe.....	301
APÊNDICE F	Roteiro da entrevista com profissionais da escola.....	302
APÊNDICE G	Modelo de questões original e adaptada, do teste de matemática.....	303
APÊNDICE H	Modelo de questões original e adaptada, da prova de ciências.....	305
ANEXO A	Carta de Apresentação.....	308
ANEXO B	Formulário de autorização do campo para a atividade de pesquisa.....	309
ANEXO C	Ofício de Aprovação de Pesquisa no campo.....	310
ANEXO D	Parecer de aprovação do Comitê de Ética.....	311
ANEXO E	Carta de Apresentação à Direção da Unidade Escolar	312
ANEXO F	Ficha individual de avaliação - Educação Especial.....	313
ANEXO G	Modelos de planejamento curricular adaptado.....	316
ANEXO H	Modelo de ficha de observação para avaliação trimestral.....	321
ANEXO I	Recursos elaborados na SRM para o desenvolvimento de alguns conteúdos curriculares de ciências e seus conceitos envolvidos.....	324

APRESENTAÇÃO

Sou o que quero ser. [...] na vida [...] tenho felicidade o bastante para fazê-la doce, dificuldades para fazê-la forte, tristeza para fazê-la humana e esperança suficiente para fazê-la feliz. As pessoas mais felizes não têm as melhores coisas, elas sabem fazer o melhor das oportunidades que aparecem em seus caminhos.
(Clarice Lispector, 1920-1977)

Meu caminho começa assim: gaúcha por nascença, “barriga verde” por passagem e carioca por escolha. De qualquer modo e em todos os jeitos e trejeitos de se viver, em cada uma dessas localidades, aprendi a gostar de coisas típicas de cada lugar. Gosto de pensar que existe uma “meia dúzia de coisinhas à toa que me deixam feliz”¹. Coisas simples, mas que completam meu dia a dia como uma roda de chimarrão ao final da tarde, quando a conversa flui e nos aproxima de pessoas conhecidas e queridas, um final de tarde na praia do Campeche, no Ribeirão da Ilha ou na Urca, quando tudo fica num tom dourado como se assim a vida fosse também (naquele momento é), o pedido de alguém para eu falar algo só porque acha meu sotaque “diferente” aqui no Rio. Enfim, coisas e situações que se repetem ao longo da minha vida, entre outras que marcam meu dia a dia.

Nasci em uma cidadezinha do interior do Rio Grande do Sul, Rio Pardo, morei ainda muito pequena em Porto Alegre, cresci e vivi por quinze anos na ilha de Florianópolis e a vi crescer também. Voltei a morar em Porto Alegre onde comecei minha formação como professora, acabei na cidade patrimônio da humanidade, Rio de Janeiro, onde me achei como pessoa, mulher, professora e pesquisadora. Acabei? Bem, talvez seja mais um novo começo do que propriamente um “acabei”.

Meu percurso na educação começou em Florianópolis quando resolvi fazer no ensino médio o antigo magistério. Eu queria trabalhar durante a faculdade e achei que poderia ser professora. Naquela época eu não tinha ideia de que existia uma formação específica para professores que trabalham com alunos com necessidades educacionais especiais. Mas, por um desses acasos da vida, no colégio em que fiz o magistério havia duas classes especiais nas quais os alunos do curso de magistério podiam fazer estágio, além daquele obrigatório curricular, nas turmas dos anos iniciais do ensino fundamental. Foi nesta ocasião que tive meu primeiro contato com alguns alunos com necessidades educacionais especiais.

Depois de quinze anos residindo em Florianópolis, minha família voltou a morar em Porto Alegre, onde prestei vestibular, em 1987. Influenciada pela experiência anterior vivida na escola de formação no nível médio, optei pela formação em Pedagogia - Habilitação em

¹ Menção ao título do livro infanto-juvenil “Duas dúzias de coisinhas à toa que deixam a gente feliz”, de Otávio Roth, editado pela Ática em 1994.

Educação Especial/Deficiência Mental, que a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) oferecia naquela época.

Entretanto, foi antes de ingressar na faculdade, enquanto eu fazia um curso de preparação para o vestibular, que iniciei meu percurso como professora, em uma escola, de início, destinada à educação infantil, em Porto Alegre. Com o tempo a escola cresceu, passou a ter os anos iniciais do ensino fundamental e, junto com ela fui “passando de ano”, onde atuei desde o maternal até as séries iniciais. Nesse estabelecimento, meu primeiro emprego, permaneci por nove anos. Ainda lembro, como se fosse hoje, da minha primeira turma. Agradeço a oportunidade, pois devo a esse momento boa parte de minha formação inicial e profissional.

Assim, quando iniciei na Faculdade de Educação em 1998, a oportunidade de exercer na prática as atribuições, situações e realidades do cotidiano escolar e, concomitantemente, adquirir e desenvolver novos conhecimentos viabilizou reflexões e interações entre o que eu estava aprendendo na faculdade e o que eu vivia na sala de aula, na escola em que eu era professora. Viver as duas experiências ao mesmo tempo favoreceu minha compreensão sobre a relação teoria/prática referendada durante o curso de formação e, permanentemente, presente no cotidiano da escola em que eu atuava. Refletir sobre o fazer pedagógico durante a graduação era, de certa forma, palpável para mim, pois eu tinha fatos e experiências vividas em sala de aula que me possibilitavam “enxergar” o que era explanado pelos professores na faculdade. Ou, pelo menos me indicava um caminho para perguntar sobre o que eu não entendia ou não sabia.

Desse modo, o que eu aprendia e discutia no cotidiano das disciplinas oferecidas na faculdade era muitas vezes associado às situações de ensino vivenciadas por mim na escola onde eu lecionava. Essa “dobradinha” entre a minha atuação e a minha formação favorecia a revisão das ações na escola, muitas vezes me ajudava a direcionar outras e, ainda, na sala de aula como aluna da graduação, ajudava a “visualizar” a teoria e os conhecimentos apresentados para além das discussões, trabalhos de faculdade, das “provas”. Hoje eu percebo o quanto essa dinâmica favoreceu minha formação e as reflexões necessárias para novas possibilidades, para o desenvolvimento de atitudes que também pudessem favorecer o processo educativo que eu oferecia aos meus alunos.

Conclui a graduação em 1991 e coleí grau em janeiro de 1992, ano de duas novas experiências para mim. À noite, cursei uma Pós-Graduação (*lato-sensu*) em Psicopedagogia, também na PUC-RS. E durante o dia, além de continuar na escola em que já lecionava, passei a atuar em uma escola especial, também.

Na pós-graduação, além dos novos conhecimentos aprendidos, a proficiência dessa formação se configurou pelo estágio realizado em um estabelecimento do governo do estado, destinado a questões de saúde mental. Nesse mesmo estabelecimento era mantido um espaço diferenciado (físico e funcional) para atender alunos da rede pública de ensino que apresentavam dificuldades de aprendizagem ou outras questões em relação ao processo de ensino e aprendizagem na escolarização. Durante o período de estágio conheci outras realidades, seus personagens - alunos, família, professores, escolas - suas possibilidades e dificuldades.

A escola que assumi em 1992 é uma escola especial, vinculada à Associação de Pais e Excepcionais de Porto Alegre (APAE- PA). Nessa instituição permaneci por quase 10 anos e só sai dela no ano de 2000, quando me mudei para o Rio de Janeiro. Nessa escola da APAE atuei em diferentes esferas, desde a sala de aula como professora de uma turma de educação infantil à direção e coordenação pedagógica da escola. O cotidiano escolar da escola especial acrescentou novos olhares à minha formação como professora. A oportunidade de estar tanto na escola comum quanto na especial contribuiu para que eu percebesse e elaborasse perspectivas sobre os processos de ensino e aprendizagem entre os dois espaços, as quais, na minha percepção, muitas vezes se completavam ou me ajudavam a pensar uma ou outra.

Ainda em Porto Alegre, entre os anos de 1996 e 2000, participei do corpo docente de dois estabelecimentos de ensino superior: da Federação de Estabelecimentos de Ensino Superior, em Novo Hamburgo (FEEVALE) e da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Nas duas instituições fui professora de cursos de extensão e formação continuada de professores em serviço, ministrei disciplinas como: *Currículo, Planejamento e Avaliação, Prática de Ensino e Estágio Supervisionado* na FEEVALE; e *Análise Crítica das concepções sobre avaliação do deficiente mental e Estágio Supervisionado*, na ULBRA (nos campus de Pelotas, São Jerônimo e Canoas).

Ao final do ano de 2000 chego ao Rio de Janeiro. Cidade nova, perspectivas novas. De início, após espalhar mais de uma dezena de currículos pela cidade, fui selecionada para trabalhar em uma escola da rede privada, com uma classe especial. Nesse momento pude retomar, com muito gosto, todas as atividades de currículo, planejamento e avaliação educacional para o aluno com necessidade educacional especial. Sendo uma escola especial, as turmas com as quais interagi eram compostas por uma grande heterogeneidade de alunos, com dificuldades, demandas e características muito particulares. Diariamente eram elaborados de três a quatro planejamentos diferenciados, tendo o cuidado para que todos estivessem interligados. Era um cotidiano trabalhoso, por vezes frustrante, pois nem sempre a estratégia

de ensino ou o recurso se configuravam como adequados. Outras vezes era realizador, o que compensava outros momentos não tão positivos.

Nos primeiros anos, no Rio de Janeiro, também atuei na APAE-RIO. Porém, em uma dinâmica diferente da que eu vivi em Porto Alegre. Nesse momento minha atuação como professora ocorreu no espaço de oficinas de cunho psicopedagógico, com dois grupos de alunos: um de adolescentes e outro de crianças. Eram alunos, na sua maioria, matriculados na rede de ensino pública que no contraturno participavam desse trabalho oferecido pela APAE, em sua sede na Tijuca.

Com os novos desafios postos e novos espaços de atuação por serem configurados, em 2002, fui à busca de conhecimentos que pudessem completar minha formação e ampliar meus horizontes na cidade que agora se apresentava para mim, profissionalmente, também. Realizei, então, a seleção para o Mestrado em Educação, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e iniciei essa nova etapa em 2003. Durante essa formação tive a oportunidade de receber bolsas de estudos da *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior* (CAPES) e da *Fundação de Amparo e Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro* (FAPERJ) quando, pela primeira vez, pude me dedicar exclusivamente aos meus estudos. Tenho que dizer: foi uma ótima sensação!

O mestrado foi uma experiência inovadora, não só pelo ingresso em uma universidade pública ou pela continuidade na minha formação como professora, mas como momento de ingresso no universo da pesquisa. Até esse momento eu não tinha tido muitas experiências no âmbito da pesquisa acadêmica. Na época da minha graduação e especialização os trabalhos desenvolvidos pouco me direcionaram para a investigação científica e acadêmica. O momento foi desafiador, mas pude contar com bons professores nesse processo de formação. Em 2004 defendi o trabalho desenvolvido e recebi o título de Mestre em Educação.

Alguns anos se passaram, algumas coisas foram se modificando na minha vida pessoal e profissional. Entre 2005 e o momento atual continuei minha formação, participei de eventos e grupos de pesquisa ligados à discussão sobre inclusão educacional na UERJ, publiquei artigos, fui convidada para ser coordenadora pedagógica da escola em que fiz a pesquisa de mestrado (onde permaneci por quatro anos, até 2008), atuei como professora contratada da Faculdade de Educação, no curso de Pedagogia da UERJ, da disciplina *Educação Inclusiva e Cotidiano Escolar*, para o 5^a período. Paralelamente, realizei palestras por conta do tema da dissertação e fui selecionada para atuar como tutora à distância do Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro (CEDERJ), das

disciplinas de *Pesquisa em Educação e Projeto Político Pedagógico* e *Metodologia da Pesquisa*, do Curso de Graduação em Pedagogia.

Nesse recorte de tempo, vale marcar que em 2007 passei a fazer parte no corpo docente efetivo do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ) como professora assistente onde, além de dar aula para turmas dos anos iniciais do ensino fundamental, também passei a coordenar um projeto de Iniciação à docência, em parceria com outra professora do departamento e, recentemente, a ser responsável por uma das coordenações da escola, esta direcionada às ações inclusivas. O projeto denominado “Necessidades educacionais especiais em processo de inclusão” prevê a presença de alunos bolsistas de graduação, na sala de aula onde há alunos com necessidades educacionais especiais, participando das situações de ensino como mediador. No seu contexto de atuação e investigação, o projeto tem revelado e demandado interlocuções entre os professores e os alunos bolsistas. O enfoque da formação inicial e continuada tem implementado reflexões e perspectivas positivas no departamento de ensino fundamental, tanto em relação às ações pedagógicas dos professores regentes e alunos bolsistas, quanto em relação à escolaridade e o processo de ensino e aprendizagem de alunos com necessidades educacionais especiais.

Diante do caminho trilhado sou professora, mas ainda intento ser uma professora melhor. Sinto a necessidade de apurar alguns referenciais e de organizar melhor minha prática para lidar com a escola que hoje temos. Uma escola repleta de singularidades e que pede ações que as contemplem ou, no mínimo, que possam encaminhar processos profícuos para o desenvolvimento de seus alunos.

Estamos – eu estou – em um momento de transição que atravessa a minha prática entre a educação, a educação especial e o que pretendemos como educação inclusiva. E, assim como as mudanças pessoais nem sempre são fáceis, no campo das interlocuções profissionais, do ser professora e de ensinar aqueles vistos como “não aprendentes”, também não o são. Falar de educação inclusiva, de qualidade de ensino e de educação para todos, principalmente, para aqueles que até pouco tempo não eram reconhecidos como sujeitos sociais, é desafiador diante da estrutura de escola que temos.

Na formação inicial e logo que comecei a lecionar lembro que ensinar parecia ser visto como uma trilha (dada por cartilhas) em que etapas ou fases eram estabelecidas, quase que exatamente como o previsto para processo de aprendizagem do aluno. Não havia o olhar para quem se desviasse da trilha. Não que esses alunos não existissem; existiam, existem. Mas se eles não estavam na escola especial, muito menos podiam ser encontrados na escola comum. E hoje? Bem, hoje, alguns caminhos têm sido pensados afastando-nos dos estigmas

estabelecidos nas décadas de outrora, ainda que a elaboração do “olhar para as possibilidades” de todos os alunos seja muito gradual.

O processo vivido pela educação e educação especial para ser “educação inclusiva” tende a ser progressivo, mesmo que marcas culturais resistam a essa transformação. Por isso, penso que as relações humanas - culturais e sociais – são, para essa ponderação, o campo de maior mudança. É uma elaboração que precisa ser coletiva e compartilhada na sociedade para ser, também, na educação, seja ela comum ou especial.

A trilha para ensinar e aprender que de início previa passos “semelhantes” para todos, abre uma nova rota e amplia a forma de entender e perceber o que é ensinar e o que é aprender. Tenho observado que essa mudança é percebida, de início, como desconfortável pela escola e pelo professor. Motivos para esse sentimento se estabelecer são vários: o precário reconhecimento da atividade de ser professor, a estrutura rígida da escola, a formação inicial que pouco favorece reflexões sobre a escola e/ou sobre os diferentes processos de ensino e aprendizagem, diferentes alunos.

Enfim, é momento de acrescentar ideias para melhorar as circunstâncias vividas na e pela escola. Eu sinto essa necessidade. O espaço da sala de aula, principalmente, nos anos iniciais do ensino fundamental é para mim um espaço de internalização e de constatação de processos que medeiam constantemente minha atuação e minha formação. É um espaço onde aprendo e conjugo “o ser professora” ao mesmo tempo em que conjugo “o ser aluna”. Sou professora quando estou “à frente” de meus alunos, mas não deixo de ser aluna no dia a dia da sala de aula que se releva mediante os processos que cada aluno apresenta para o aprendizado. Assim, enquanto formo, também sou formada.

No caminho da minha formação e atuação profissional o viés da educação especial, assim como o interesse pelo processo de escolarização do aluno com necessidade educacional especial sempre esteve presente. Os questionamentos que emergem do cotidiano escolar são, de fato, os responsáveis por me instigar na direção de novas investidas. Por isso, diante do exposto e com o intento de continuar minha formação como professora, coube-me apostar em mais uma etapa – o doutorado. Nesse momento espero poder contribuir com a discussão sobre a inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais – no caso deste estudo especificamente do aluno com deficiência intelectual – e agregar conhecimentos; um aprendizado que faça jus aos alunos que passam por mim e acreditam que eu possa contribuir para a formação deles.